

RUA MANUEL BARRADAS



LEI No 2044, DE 16 DE MAIO DE 1959
 DA NOME A DIVERSAS RUAS DA CIDADE
 A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de
 Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Ficam denominadas as seguintes vias públicas:
 RUA D. JOSE' PAULO DA CAMARA — a via pública que
 abrange a Rua 14 do Jardim Paraizo e Rua 8 do Jardim Guarani
 e que tem início na Avenida Guarani.

RUA JOAQUIM A. PETTA — a Rua 6 do Jardim Guarani
 que tem início e termina na Rua 8 do mesmo arruamento.

RUA MOACIR CHAGAS — a Rua 10 do Jardim Paraizo e
 que, tendo início na Av. Guarani termina na Rua 14.

RUA MANUEL BARRADAS — a Rua 13 do Jardim Paraizo
 e que, tendo início na Av. Guarani termina na Rua 9.

RUA DURVAL CARDOSO — a via pública que abrange a
 Rua 15 do Jardim Paraizo e a Rua 11 do Jardim Guarani e que,
 tendo início na Av. Guarani termina na Rua 12 do último lotea-
 mento.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publi-
 cação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 16 de maio de 1959

JOSE' NICOLAU LUDGERO MASELLI

Prefeito Municipal

Eng.º JOSE' BENEDITO DE MELLO

Secret. Obras e Serv. Públicos

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Mu-
 nicipal, em 16 de maio de 1959.

ALVARO FERREIRA DA COSTA — Diretor



Manoel Barradas

Foi um poeta que veio ao mundo para cantar sua dor, nos numerosos versos que deixou. O desgosto que teve pela vida acompanhou-o até o fim da existência. Em seu poema «Reflexão» mostrou profundamente seu horror à morte, sem saber que ainda jovem, deixaria este mundo... Viveu apenas 35 anos.

Não era campineiro. Viera de longe, de Portugal, onde nasceu ao 5 de janeiro de 1896. Em sua terra natal foi estudante da célebre e tradicional Universidade de Coimbra, que não lhe permitiu concluir seus estudos na famosa «Academia das Capas Pretas», devido uma rusga que teve com um padre daquele estabelecimento de ensino.

Amante que era das belas letras, após fixar residência em Campinas, emprestou desde logo o fulgor de seu talento nas páginas das revistas A Onda, Cigana, Ramona, Campinas e nos jornais Diário do Povo, Correio Popular, «Imparcial», além de outros.

A brotação maior de sua alma poética foi-lhe inspirada do romance com sua ex-noiva. Ela tem do poeta o seu album íntimo de poesias, que lhe foram dedicadas, e que, por uma nimia gentileza de sua parte, permitiu-nos a sua leitura.

Entre suas últimas criações destacam-se:

EXALTAÇÃO

Oh! carne tentadora em formas caprichosas,
Que eu vejo pela noite, em formas de desejo,
Numa fascinação de rendas vaporosas,
Na carícia febril de um demorado beijo.

A ti eu devo a chama purificadora
Que em mim queimou a flor dos sentimentalismos.
E me abriu uma nova e radiante aurora
Sem pálidos fulgores de vagos idealismos.

Quando no alvor do leito um sonho ledo e agil
Rogar a macieza aveludada e frágil
Do corpo franzino e lácteo de Princesa
Hei de sentir um fluido elétrico e tocante
Fazer arder-me o sangue em êxtase
Na rubra comunhão desta paixão acesa.

«MORS...»

Não chores, meu amor, tem paciência!...
Não blasfemes o Ser onipotente
Porque blasfemas, sim, um inocente
E vais contra a razão, a consciência...

Que culpa tem de certo, a Suma essência
Que a torpe morte espalhe inconsciente,
Como castigo, a um povo impenitente,
O luto, num assomo de demência?

Dói-te, bem sei, tanta miséria e dor,
E talvez tenhas tu, no pensamento
Receio que se extinga o nosso amor!?

Se assim quiser a malfada Sorte,
E que eu, quebrando o nosso juramento,
Fugi de ti, para casar com a Morte!...

«REFLEXÃO...»

Não quero! Tenho horror que a sepultura
Mude em vermes meu corpo enregelado.
Se no fogo viveu minha alma pura,
Quero morto meu corpo calcinado!

Depois de ser em cinzas transformado,
Lancem-me ao vento, ao seio da natura,
Quero viver no espaço ilimitado,
No mar, na terra, na celeste altura!

E talvez no teu seio oh! virgem linda!
— Tão branco como o seio da virtude,
Eu feito em cinzas, me introduza ainda!

E no teu coração pequeno e forte,
(oh gozo triste!) viva lá na morte,
Já que na vida, lá viver não pude!!!

Manoel Barradas publicou um livro, a que dera o título de «Alma de Boêmio». Seu nome real é: Manoel Sarmiento. Seu viver atribulado acabou por prejudicar-lhe a saúde, vindo a falecer aos 8 de maio de 1931, nesta cidade.

RUA MANOEL BARRADAS

Pouca gente se lembra d'ele, do infortunado poeta que veio ao mundo apenas para sofrer. Teve vida atribulada e curta.

Viveu apenas 35 anos. O desgosto que teve pela vida acompanhou-o até ao fim da existência.

Produziu bons versos, dignos de divulgação. Sua ex-noiva era quem lhos inspirava. Foram manuscritos pelo próprio va te, num livro íntimo. Logo após sua morte, a obra veio ter às mãos daquela, por iniciativa da genitora do poeta.

Durante muitos anos, d. Alice de Almeida, a ex-noiva, guardou silenciosamente este mimo artístico de Manoel Barradas.

No livro, conta-nos êle toda a estória de seu amor. Pena que não tenha chegado a publicá-lo, conforme era sua intenção. Quanto ao título, seria "Alma de Boêmio".

Êste relicário agora nos pertence por nímia gentileza de sua ex-noiva.

Entre suas últimas criações destacamos:

"MORS..."

Não chores, meu amor, tem paciência!...
Não blasfemes o Ser Onipotente
porque blasfemas, sim, um inocente
e vais contra a razão, a consciência...
Que culpa tem de certo, a Suma Essência
Que a torpe morte espalhe inconsciente,
como castigo, a um povo impenitente,
o luto, num assomo de demência?
Dói-te, bem sei, tanta miséria e dor,
e talvez tenhas tu, no pensamento
receio que se extinga o nosso amor!?
Se assim quizer a malfadada Sorte,
é que eu, quebrando o nosso juramento,
fugi de ti, para casar com a Morte!...

"REFLEXÃO..."

Não quero! Tenho horror que a sepultura
mude em vermes meu corpo enregelado.
Se no fogo viveu minha alma pura,
quero, morto, meu corpo calcinado!
Depois de ser em cinzas transformado,
lancem-me ao vento, ao seio da natura,
quero viver no espaço ilimitado,
no mar, na terra, na celeste altura!
E talvez, no teu seio, oh! virgem linda!
- Tão branco como o seio da virtude,
eu, feito em cinzas, me introduza ainda!
E no teu coração pequeno e forte,
(oh gozo triste!) viva lá na morte,
já que na vida, lá viver não pude!

- segue fls. 2 -





Rua Manoel Barradas

Fls. 2

Seu nome real: Manoel Sarmiento. Viera de longe, de Portugal, onde nasceu em 6 de janeiro de 1896.

Em sua terra natal, foi estudante da célebre e tradicional Universidade de Coimbra, que não lhe permitiu concluir seus estudos na famosa "Academia das Capas Pretas", devido uma rusga que teve com um padra, daquele estabelecimento de ensino.

Faleceu em 8 de maio de 1931, em Campinas, onde militou na imprensa e viu publicados alguns de seus mais expressivos versos.

(Extraído de fls. 109 a 111 da "Antologia da Poesia Campineira", de Edmo Goulart, editada em Campinas, em 1971).